

Letrário\**editora*

**O rio Senegal**

**Giovani Iemini**

Fevereiro de 2009



Ele farejou o ar. Havia mais alguém na mata. Prendeu a respiração para ouvir melhor; o silêncio dos insetos, o farfalhar irregular das plantas em relação ao vento. Retesou as pernas e saltou sobre o invasor.

– Mombanca, te peguei. – Abraçou o filho que, surpreso, sorriu de satisfação ao ver que o líder do clã permanecia alerta como a pantera negra. – Gostei da tocaia, você veio contra o vento, só notei a poucas árvores.

– Como me descobriu?

– Teu cheiro lembra o de tua mãe. Vocês têm inteligência nas veias, o suor é forte e limpo. Cheiro bom.

O pai era lendário pelo olfato. Como a uma hiena, nunca o surpreendiam, estava sempre alerta. Mombanca estufava-se de orgulho.

– Pai, conta de novo sobre o rio.

O homem sorriu. Seus filhos adoravam a história. Mombanca era o caçula da vigésima terceira esposa, a mais nova. Depois do acontecimento no rio, a vida fora boa para o pai: fartura de caça e frutas, uma vila fresca e fértil para viver e, o melhor, todas as vinte e três mulheres restantes da aldeia.

– Vivíamos formando uma grande tribo na Guiné! – Ele abaixou a voz, a história decorada, tantas vezes repetida, tinha jeito e forma de ser contada. – Vários clãs, muitos chefes, mais de mil irmãos e irmãs!

– Mil irmãos e irmãs... – Repetiu Mombanca. A quantidade o impressionava, tudo o que conhecia eram as poucas dezenas de pessoas de seu clã.

– Um dia, no fundo da planície Fouta Djalon, surgiu a coluna de poeira de uma grande tropa se movimentando. Eles nos alcançariam em três dias. O grande chefe, teu avô, mandou arautos para saudar os visitantes. Os coitados foram esartejados. Teu tio, meu irmão mais velho, estava entre eles. Foi o único que conseguiu fugir. Ainda lembro suas palavras de terror: "São canibais, vivem como saqueadores, arrasando as tribos que encontram. Raptam as fêmeas para gerar seus filhos e devoram-nas depois do parto, comem também as meninas recém-nascidas. Assam-nas vivas em grandes fogueiras, para o deus negro Mahrkete".

– Mahrkete, o deus negro... – Disse Mombanca, a nuca arrepiada.

– O grande chefe ordenou a fuga. Era final de utono, a tribo já se preparava para migrar para outra região de caça, foi rápida a saída. Antes do fim daquele dia, já alcançávamos o rio Bafing. Andámos rapidamente junto à margem, cuidando para não deixar rastros. Muitas vezes atravessávamos o rio e voltávamos dezenas de metros para confundir os rastreadores dos canibais. Durante dez dias, fugimos com esperança de despistá-los, mas a coluna de poeira continuava no nosso encalço. – O semblante assumiu um ar etéreo, ele revivia os dias passados. – Teu avô ordenou, sob pena de abandono da tribo, que todos cuidassem para não deixar pistas, pisando em galhos, folhas e pedras; que atentassem para não modificar a natureza, um galho quebrado ou uma pedra virada por um chute dariam as dicas necessárias aos perseguidores; que recolhessem as fezes e urinassem apenas no rio, para evitar cheiros. Ainda assim, continuávamos sendo caçados. Passaram mais dez dias, já avistávamos o rio Baoulé, que se juntava ao Bafing, para correrem em direcção ao mar. A tribo já estava

enfraquecida, a comida escasseava, o medo da captura fazia muitas famílias abandonarem o grupo. Vimos que, nos dias em que isto acontecia, a coluna de poeira dos canibais não vinha no nosso encalço. Pegavam as famílias e se refestelavam com o jantar.

Mombanca sabia que nessa parte da história o pai ficava sorumbático.

– Nunca esquecerei o que vi. Me atrasei para espionar os canibais. Seus batedores buscavam nossas pistas no meio da selva, de olhos fechados, rastreando o ar. Lambiam o chão. Quando abriam os olhos, apontavam corretamente nosso caminho. Quando fiquei sozinho, repeti o ritual, fechei os olhos, farejei, lambi o chão. Sabe o que senti?

– O gosto da mulher! – Disse Mombanca.

– Sim, o gosto da mulher. Mas não apenas o sabor da fêmea, senti o acre da renovação da vida, a fertilização ácida que germina a semente, senti o sabor primordial da mulher. – Cerrou os punhos. – Era cheiro de menstruação! O canibal nos rastreava pelo cheiro que as mulheres deixavam. Era involuntário e, como não pertencia aos interesses dos homens da aldeia, pouco se lembravam de como se limpavam as mulheres. Era a pista que atraía os perseguidores.

E continuou: – Corri de volta à tribo. Expliquei ao chefe nosso erro. Ele convocou todos e separou as mulheres que corriam sangue. Somaram vinte e duas. Alguns quiseram sacrificá-las, mas o chefe proibiu. Elas não haviam feito nada errado. Nesse momento, pedi a meu pai para escoltar essas mulheres pela margem dos rios que seguiam juntos, deixando pistas para os canibais. Assim a tribo poderia seguir outro caminho e sobreviver. Nós

não nos renderíamos, tentaríamos fugir, mesmo que parecesse improvável consegui-lo. Pesaroso, o pai concordou. E pediu para que eu, se sobrevivesse, desse o nome dele a meu filho.

Mombanca sempre prendia as lágrimas quando pensava no avô.

– Segui com as vinte e duas mulheres pelo rio. A tribo desceu a savana. Estavam escondidos na mata, com mais de dois dias de vantagem, sem a presença das menstruadas e renovados pela esperança de salvação, ainda que tristes por nosso sacrifício. Mas, certamente, conseguiriam escapar. No último momento, vi uma menina vindo para nosso grupo. Para sua infelicidade, havia sofrido o primeiro corrimento naquela hora. Era sua mãe, Mombanca.

– Ainda bem. – Sorriu. Porém, logo fechou o cenho. – Desculpe.

– Nunca soubemos o motivo. Talvez os canibais tenham percebido nossa manobra, talvez eu tivesse me enganado sobre a maneira como eles rastreavam a tribo, mas, logo na junção dos dois rios Bafing e Baoulé, bem onde nos separámos, os caçadores gastaram bastante tempo recolhendo os rastros e resolveram seguir atrás da tribo, deixando nosso pequeno grupo de lado. – Suspirou. – Descemos o rio e montámos a vila perto do mar. Durante muito tempo pensámos em voltar e procurar a tribo, descobrir se tinham sobrevivido, mas sabíamos que seria mais provável que eles nos achassem do que o contrário. Nós tínhamos destino, eles não.

– Adoro meu nome. – Disse Mombanca. – Adoro a história. Vou honrá-la contando para meus filhos. Quero que se lembrem porque batizámos o grande rio com teu nome, pai.

Olharam, juntos, o rio caudaloso que refletia a lua. Nas margens barrentas, batucavam suavemente as marolas, a temperatura amena e o cheiro de beiju que vinha da aldeia faziam com que a paisagem se assemelhasse ao paraíso. Despediram-se do rio Senegal e foram jantar.

**Fim**



**Giovani Iemini** é formado em História pela UnB, cursou Engenharia Florestal e Direito. Trabalhou como vendedor, professor, bancário e servidor público, mas só encontrou satisfação como jardineiro. Escreve para todos os *sites* da interNerd que lhe importam. Usa o pseudônimo Mão Branca.

Organiza o Bar do Escritor ([www.bardoescritor.net](http://www.bardoescritor.net)), uma comunidade de escritores no Orkut que troca experiências em Literatura.

Teve textos publicados na coletânea *Todas as Gerações – o conto brasileiro contemporâneo*, de 2006, e na revista da Academia Cachoeirense de Letras. Em março de 2009, estreiar-se-á na publicação de livros, com a obra *Mão Branca*.

[www.maobranca.bardoescritor.net](http://www.maobranca.bardoescritor.net)

Letrário\*  
editora

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

[http://www.letorario.pt/1\\_pt/900/9002.htm](http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm)

+ 351 21 711 20 20

[letorario@letorario.pt](mailto:letorario@letorario.pt)